

## **O IMAGINÁRIO DISCURSIVO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Sílvia Cristina do Amaral Almeida* (UEMS/UUP)

[silviacristinasaura@yahoo.com.br](mailto:silviacristinasaura@yahoo.com.br)

*Silvane Aparecida de Freitas* (UEMS)

### **RESUMO**

Temos como objetivo, neste artigo, analisar recortes discursivos de professores de língua portuguesa atuantes em escolas estaduais nos municípios de Santa Albertina, Santa Rita d'Oeste e Paranapuã, estado de São Paulo. Por meio dessa análise pretende-se mostrar os traços do Outro, presentes no discurso do professor, bem como suas identidades constituídas na e pela linguagem, na interação com o outro. Os resultados obtidos demonstram a presença do Outro no discurso do professor, a heterogeneidade constitutiva. Assim, o seu discurso é atravessado por diversos outros discursos. Acreditamos que esse referencial teórico é relevante para as pesquisas em educação, e também, uma maneira de contribuir para que esses sujeitos professores ressignifiquem suas práticas.

**Palavras-chave:** Discurso. Professor. Sujeito

### **1. Introdução**

#### **Este meu corpo**

Este meu corpo, que alguém me deu,  
Que fazer, tão um, tão meu?

Respirar, este quieto prazer  
- Digam-me – a quem devo agradecer?

Sou jardineiro ou só flor que fana?  
Não estou só na prisão humana.

Sobre as vidraças do infinito  
Eis meu calor, meu sopro inscrito.

Minha marca está ali impressa,  
Mesmo que não se reconheça.

Que escoe a borra desta hora  
Ela está ali – não vai embora.

(CAMPOS, Augusto de, 2011, p. 113)

Em seu poema o poeta discorre a respeito de seu corpo, sobre quem o teria dado, porém, mais importante que isso, é a sua unicidade, a sua singularidade de corpo. O homem é o jardineiro ou a flor murcha? O

homem comanda ou é comandado? O que seria essa prisão humana a que o poeta se refere? Segundo Campos o poeta não está sozinho na prisão humana, pois deixa um pouco de si, deixa a sua marca impressa devido aos seus escritos. Falar sobre corpo nos remete a Foucault (1999), mais especificamente, a terceira parte de sua obra “Vigiar e Punir” em que se fala do adestramento dos corpos. As instituições são as responsáveis em disciplinar nossos corpos tornando-os dóceis e submissos, controlados. Assim, somos corpo comandado.

Discutir acerca do imaginário discursivo do sujeito envolve compreender que o sujeito é constituído por diferentes vozes, bem como seu discurso atravessado por outros discursos. O discurso é manifestação social e nosso objeto de estudo. Desta forma, nos pautamos nos pressupostos da análise do discurso de linha francesa, partindo de teóricos como Orlandi (2010, 2011), Foucault (1987, 2013) e Authier-Revuz (2004). Nessa perspectiva, o discurso não é homogêneo, mas sim heterogêneo e atravessado por dizeres de outras pessoas, outros dizeres já ditos em outros momentos. Assim sendo, nesta pesquisa, objetivamos investigar os traços presentes no discurso do professor de língua portuguesa e como a interdiscursividade se instaura nos discursos. Para isso, selecionamos o discurso de cinco professores de escolas estaduais dos municípios de Santa Albertina, Santa Rita d’Oeste e Paranapuã, estado de São Paulo.

Os discursos levam em consideração certas condições de produção (o que foi dito, para quem foi dito, quando foi dito, por que foi dito, por quem foi dito). Segundo Orlandi (2010), os discursos funcionam segundo alguns fatores e se relacionam uns com os outros. Assim, é imprescindível tratar das condições de produções dos discursos dos sujeitos professores mencionados nesse trabalho.

## **2. Condições de produção**

As condições de produção do discurso são imprescindíveis em análise do discurso, visto que são elementos integrantes de construção dos sentidos de todo dizer. Como é sabido, todo discurso se relaciona com outro discurso, é atravessado por vários outros discursos. Orlandi (2010) afirma que é necessária uma relação de sentidos entre os discursos. Dessa forma, um discurso não tem começo, nem final. O que ocorre é a relação de troca de sentidos, pois um dizer sempre se relaciona com outros dizeres, em que o “sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras” antecipando assim o sen-

tido que suas palavras podem produzir (*idem*, p. 39). Temos o que a autora chamou de antecipação, processo no qual o sujeito antecipa os sentidos e regula os seus argumentos, conforme o seu dizer direcionando o efeito desejado sobre seu interlocutor. Outro mecanismo citado pela referida autora é a relação de forças. A fala do sujeito condiz ao lugar em que ele está. Um pai fala a partir da posição de pai, assim como um professor fala a partir de seu lugar como professor e não como aluno. As nossas palavras mudam conforme a posição social em que ocupamos.

Para a análise selecionamos o discurso de cinco professores de língua portuguesa da rede estadual atuantes nos municípios de Santa Albertina, Paranapuã e Santa Rita d'Oeste, estado de São Paulo. Todos os professores são do sexo feminino, em estágio inicial e final de carreira. Destes cinco professores, dois além de atuarem como professores do ciclo II, também exercem a profissão no ciclo fundamental I.

O professor exerce papel substancial na formação de sujeitos e a educação é apontada como instrumento que auxiliaria na resolução de problemas como miséria, desigualdade. Já dizia Foucault “saber é poder”. Entretanto, o que assistimos é a menor valorização social do professor, a desvalorização salarial produziu a social. Será que nós como professores estamos realmente sendo professores? Paramos alguma vez para refletir acerca de nossos discursos?

### **3. Algumas considerações sobre discurso**

Falar sobre discurso é tentar entender e lidar com os conceitos que se formaram e se transformaram historicamente ao longo de vidas repletas de signos impregnados de ideologias. Segundo a etimologia,

Discurso: vem do latim *discursus*, participio passado de *discurrere*, “correr ao redor”, metaforicamente “lidar com um assunto por vários pontos de vista”, formado por *dis-*, “fora”, mais *currere*, “correr”. No latim tardio passou a ter o significado de “conversação”.

(<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/discurso>)

A palavra “discurso” em sua primeira concepção significava “correr ao redor”, que em seu sentido metafórico possibilitava que um assunto fosse tratado por diversos pontos de vistas, e só então, bem mais tarde se transformou e passou a significar “conversação”. O discurso está ligado à linguagem e não há como se separarem, já que ambos dependem um do outro. A linguagem é a base da constituição do homem e o discurso a

materialização das ideologias. Logo o discurso controla as pessoas.

Segundo Foucault (1987), não existe unidade de discurso, pois todo discurso é atravessado por vários outros discursos. Não existe um discurso puro, seja qual for o discurso, sempre repousa em um já dito e um não dito. Para o autor, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar; pode estar ligado à fala ou à escrita e trará reminiscências no campo das memórias ou na materialidade dos manuscritos, e estará aberto a repetições, a transformações – reativações que possibilitarão novos enunciados que o seguirão (p. 32). Para que Foucault (1987) fundamentasse a sua tese sobre a formação discursiva, recorreu a quatro hipóteses: não há unidade de discurso, sendo os “enunciados diferentes em sua forma e dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (p. 36); o discurso ainda é formado pelo deslocamento; não existem conceitos permanentes de enunciados, pelo aparecimento de novos conceitos; a identidade e a persistência dos temas, em outras palavras, as regras que possibilitam a formação dos discursos são: os objetos, os tipos de enunciação, o aparecimento dos conceitos e os temas.

Em *A Ordem do Discurso* (2013), Foucault afirma que todo nosso discurso é controlado, selecionado e organizado por procedimentos que manipulam seus poderes e perigos. O discurso é objeto de desejo para manifestação do domínio, sendo que esse domínio é manifestação ou ocultação do desejo de alguém. Ainda há os procedimentos de exclusão e ordenação dos discursos:

- 1- procedimentos exteriores de limitação dos discursos: **a-** interdição (palavra proibida, pois não podemos falar qualquer coisa). A nossa sociedade apresenta três tipos de interdição: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado; **b-** rejeição (segregação da loucura); **c-** vontade da verdade (as instituições ditam as regras do que é verdade) verdade X falso;
- 2- procedimentos interiores de rarefação dos discursos: **a-** classificação/categorização (os discursos que estão na origem das falas, os ditos, os que permanecem e os que ainda estão por vir) – o comentário; **b-** produção e divulgação – a propagação dos discursos também se faz por meio da autoria e das disciplinas;

- 3- procedimentos exteriores de sujeição dos discursos: **a-** limitam seus poderes (sociedades do discurso); **b-** dominam aparições simbólicas (lugares simbólicos, posições); **c-** selecionam os que falam (licenciaturas, qualificações, posições).

Segundo Foucault (2013, p. 54), todo discurso é um acontecimento:

Se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos? Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que se efetiva, que é efeito.

Nos dizeres do autor, o discurso é um acontecimento material, é material porque “consiste na relação, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais” e assim, tornando-se “efeito de e em dispersão material” (p. 54).

Orlandi (2011) define discurso como o “efeito de sentidos entre locutores”. O discurso é assim entendido, pois não se trata de transmissão de informação, nem é entendido como sinônimo de fala, língua e discurso estão intrinsecamente ligados. Todo discurso parte de um funcionamento social em que condições de produções estão envolvidas nesse processo enunciativo. A autora ainda esclarece que todos os nossos discursos nascem de outros discursos já existentes, que sempre estamos produzindo novos discursos, ora pela paráfrase (o mesmo, o já dito), ora pela polissemia (o diferente, o não dito).

Em seu artigo “Para quem é o discurso pedagógico”, Orlandi (2011) discorda acerca da concepção de discurso pedagógico (teórico, científico) como sendo esse um discurso neutro que transmite informação e que ainda se caracterizaria pela ausência de problemas na enunciação. A autora afirma que, de acordo com as condições de produções, há três tipos de discursos inerentes ao discurso pedagógico: o lúdico, o polêmico e o autoritário. No discurso lúdico há possibilidade de ampliação de novos ditos, do diferente, pois o referente do discurso é notório ao interlocutor, e a reversibilidade é a sua característica, em outras palavras, há possibilidade de “troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui” (*idem*, p. 239); no discurso polêmico, há o controle da polissemia e os interlocutores tentam direcionar o referente do discurso, sendo que a reversibilidade acontece segundo algumas condições; no discurso autoritário, há a subjugação da polissemia, havendo um único agente do dizer o qual oculta o referente pelo seu dizer; procurando

deter as reversibilidades.

Althier-Revuz (1990, 2004) defende, em seus estudos, a presença da heterogeneidade mostrada (marcada ou não) e a heterogeneidade constitutiva do discurso. O outro sempre se faz presente em nossos discursos, ora consciente ora inconscientemente. A heterogeneidade mostrada marcada coloca o outro em nossos discursos por meio das aspas, discurso direto e indireto, a heterogeneidade mostrada não marcada coloca o outro em nosso discurso por meio de metáforas, trocadilhos, ironias. Já na heterogeneidade constitutiva, o discurso está atravessado pelo discurso do outro. Assim, o discurso é atravessado por outros dizeres, e o sujeito tem a ilusão de ser o dono, ser a origem de seu discurso, quando na verdade está repetindo outros discursos, os quais já foram ditos anteriormente.

#### **4. O discurso do professor de língua portuguesa**

A fim de compreendermos o discurso do professor de língua portuguesa, desenvolveremos uma análise que busca compreender algumas marcas do outro. Esses professores atuam em diferentes escolas da rede estadual, nos municípios de Santa Albertina, Paranapuã e Santa Rita d'Oeste, estado de São Paulo. Para a coleta dos dados utilizamos um questionário semiestruturado composto por perguntas abertas e fechadas que se integram a uma pesquisa de mestrado. Para o desenvolvimento da análise, selecionamos o discurso de professores denominados P1, P3, P4, P6 e P9, ou seja, Professor 1, Professor 3, Professor 4, Professor 6 e Professor 9.

Os excertos subsequentes são respostas ao questionamento: “Quais as práticas de ensino de língua portuguesa são mais importantes para você? Por quê?”

P1 Acredito que seja um conjunto de metas a serem atingidas. O *incentivo à leitura* é a ferramenta mais importante, pois, lendo aprimora o vocabulário, interpreta e produz de forma brilhante.

O P1 acredita que as práticas de ensino mais importantes em língua portuguesa sejam aquelas voltadas para a leitura, pois essa o aluno aprimora o vocabulário, a interpretação e a produção textual. As escolhas das palavras nos levam à formação discursiva pedagógica, do campo da língua portuguesa, “leitura, lendo, vocabulário, interpreta, produz”, porém, o discurso articula conceitos “conjunto, metas, incentivo, ferramen-

ta” com outros campos do saber da matemática, da tecnologia. O léxico “acredito” revela as crenças desse professor em relação às suas práticas em sala de aula. O operador discursivo “pois” é utilizado como afirmação do seu dizer. Observamos também o esquecimento nº 2, aquele em que o sujeito tem a ilusão de ser a origem de suas palavras. O recorte está voltado para a heterogeneidade constitutiva do discurso, basta recorrermos aos PCN (2001), os quais sugerem o trabalho com leitura e a necessidade de sua prática diária. A heterogeneidade constitutiva não aparece de forma explícita no discurso; o discurso, porém, se constitui pela presença do Outro nas relações de alteridade (AUTHIER-REVUZ, 2004).

P3. *Leitura e escrita* são instrumentos básicos para o ingresso e a participação na sociedade letrada em que vivemos. São *ferramentas* para a compreensão e a realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para a apropriação dos saberes já conquistados.

Para P3, leitura e escrita aparecem como instrumentos para que as pessoas possam participar efetivamente da sociedade, são as portas para os saberes. Os léxicos “leitura, escrita, letrada, comunicação, saberes” nos remetem à formação discursiva pedagógica. Outras vozes denunciam diferentes posições do sujeito: “instrumentos, participação, ferramentas, homem, sociedade, saberes”, inserindo-o nos campos sociológico, histórico, antropológico, científico. O que esse sujeito está negando? Se os saberes são constituídos por meio da leitura e escrita, então, a gramática não é ferramenta para a construção de saberes. O discurso desse sujeito não é um dizer explícito, haja vista que é atravessado pelo seu avesso, ou seja, pelo discurso do outro (AUTHIER-REVUZ, 1990). Por meio das diferentes vozes de outros discursos, reafirmamos que o sujeito não é a origem de seu dizer e, devido à ilusão adâmica de ser a fonte de suas palavras, acredita na produção de um discurso único quando, na verdade, o seu discurso é heterogêneo.

P4. Práticas de ensino focadas na reflexão, onde os alunos tenham que enfrentar situações de análise e reflexão sobre a língua e também sobre a sistematização de suas características e *normas*. Ensinar ainda os diferentes usos e funções da linguagem.

De acordo com o sujeito P4 as práticas de ensino devem focar em atividades que reflitam o uso da língua, sua sistematização e seus diferentes usos. As escolhas lexicais “práticas, ensino, alunos, língua, linguagem” nos conduzem para a formação discursiva pedagógica, mais especificamente para a área de língua portuguesa. Diferentes posições do sujeito são percebidas pelas diferentes vozes em seu discurso: “reflexão, análise, sistematização, normas” pertencentes à filosofia e à sociologia. O

que percebemos pelos não ditos é que um ensino que não foque a reflexão do uso da língua não é considerado importante. Outro não dito revelado no discurso é que as atividades metalinguísticas não são apontadas como práticas importantes de ensino para o sujeito P4. Percebemos o atravessamento de discursos no discurso do professor, pois nenhum discurso nasce do nada, estão sempre retomando outros já ditos. Por mais que a língua seja encarada como instrumento para reflexão, ainda se insere num universo de normas. O que são normas? Segundo o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse* (2006, p. 1862) a norma é definida como

3. conjunto das estruturas, palavras etc. de uma língua estabelecidas como modelo do que se deve ou não usar, considerando fatores linguísticos e não linguísticos, como prestígio, elegância, estética etc.

A análise do discurso não trata a língua enquanto norma, mas sim do discurso, a linguagem em sua prática, a língua e suas diferentes maneiras de o homem se ressignificar em suas variadas relações de sentido (ORLANDI, 2010).

P6 Leitura e interpretação, escrita coerente e oralidade. Porque através dessas *habilidades* o aluno é capaz de desenvolver o *senso crítico*.

O desenvolvimento da leitura, interpretação, escrita e oralidade aparecem como práticas importantes para o ensino de língua em P6. Quanto à formação discursiva, evidenciamos palavras como “leitura, interpretação, escrita, oralidade, aluno, habilidades”, pertencentes ao discurso pedagógico do campo da disciplina de língua portuguesa. Mostram-se vozes “desenvolver senso crítico” de diferentes posições do sujeito, vinculadas à psicologia, filosofia. O articulador “porque” aparece como uma justificativa para apoiar os elementos citados anteriormente como importantes práticas no ensino de língua. Os não ditos revelam que a gramática não aparece como prática importante no ensino de língua, que essa não é habilidade para se desenvolver o senso crítico dos alunos. Habilidade é um conceito que faz parte do currículo oficial do estado de São Paulo e diz respeito às competências que os alunos devem adquirir ao estudar determinado conteúdo. O discurso do professor é marcado pela heterogeneidade, é constituído por diversos outros dizeres já antes ditos. O recorte nos traz os traços discursivos inconscientes que advêm dos PCN. Só tem senso crítico quem sabe ler e escrever? Quem não é alfabetizado não é capaz de desenvolver a criticidade?

P9. A Língua Portuguesa se baseia no uso da língua. Os alunos *devem conseguir utilizá-las* em suas diferentes modalidades e em diversas situações.

Esse processo deve ser gradual, sempre partindo daquilo que já é de domínio dos alunos para aquilo que é novo. Para isso, o professor deve utilizar o texto, oral e escrito. Todas as atividades devem ser centradas nele e é a partir dos textos que as questões gramaticais devem ser trabalhadas com atividades que sejam significativas para o aluno.

Para o sujeito P9, as atividades importantes no ensino de língua devem focar o uso de textos orais e escritos nas diferentes situações sociais, sempre partindo do conhecimento prévio do aluno. A escolha das palavras “língua, alunos, professor, texto, escrito, gramaticais” nos encaminha para a formação discursiva do campo educacional. Segundo esse professor, a gramática não deve ser trabalhada de forma descontextualizada, mas sim a partir dos textos, só não menciona como é essa gramática contextualizada. O discurso tem características predominantemente imperativas. A escolha das expressões “devem conseguir”, “deve utilizar texto”, “devem ser centradas” relacionam-se a uma obrigação, onde se evidencia a perspectiva do enunciador sobre a obrigatoriedade perante uma determinada situação, ou ainda, sugere uma noção de sugestão, probabilidade em relação a algo. Novamente o discurso do professor não se insere a um dizer explícito, mas sim a um discurso heterogêneo, atravessado pelo seu avesso, constituído pelo seu inconsciente. É um sujeito que tem a ilusão de estar produzindo um discurso homogêneo, porém, retorna outros já ditos, ora pela polissemia, ora pela paráfrase. Observamos a utilização do discurso pedagógico em que o professor aparece como o detentor do saber e os alunos aprendizes, não sabem utilizar a língua materna. Se os alunos não sabem utilizá-la, então, como se comunicam?

## **5. Algumas considerações**

Por meio da análise dos discursos de cinco professores da rede estadual de estado de São Paulo, verificamos, como afirma Orlandi (2011), que o discurso é linguagem em interação. Sendo assim, o discurso do sujeito é heterogêneo, em outras palavras, um discurso atravessado pelo avesso, pelo outro que o constitui. O sujeito é desta forma, resultado de seu discurso, é resultado daquilo que fala, é efeito da língua.

O sujeito fala de acordo com a posição em que ocupa, o seu discurso em questão, é o discurso de professor, sujeito que detém o conhecimento.

Dessa forma, o sujeito é afetado na e pela linguagem, nas relações de alteridade que estabelece com o outro, por meio do seu discurso. Su-

jeito é corpo e mente comandado pelas ideologias presentes em seus discursos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad.: Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 19, p. 25-42, 1990.

\_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (PCN)*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAMPOS, Augusto de. *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CONSULTAS e artigos com a palavra “discurso”. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/discurso>>. Acesso em: 19-04-2015.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. *Dicionário enciclopédico ilustrado Veja*. São Paulo: Abril, 2006.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2011.